



UMA LEITURA DE *ROMANCE DO CONQUISTADOR* E SUA RELAÇÃO COM O MITO DONJUANESCO

Aline Oliveira Arruda
(Orientadora) Dra. Isis Milreu

Universidade Federal de Campina Grande. aliny ninhina@gmail.com

Resumo: O texto literário está presente no nosso cotidiano em suas mais variadas formas, assim, ele pode ultrapassar gerações, bem como continentes. Foi o que aconteceu com o texto literário *El Burlador de Sevilla y Convidado de Piedra* (1630), escrito por Tirso de Molina, cujo protagonista é Don Juan, um célebre personagem conhecido por tentar livrar sua própria pele para alcançar seus objetivos e por meio de falsas promessas e enganações ludibriar todos que estão ao seu redor. Com o passar do tempo, Don Juan tornou-se o símbolo de sedutor e foi recriado em várias obras literárias. Uma delas é o *Romance do Conquistador* (1990), de Lourdes Ramalho, a qual examinaremos nesse estudo, investigando sua relação com o mito donjuanesco. Para tanto, realizaremos uma análise comparativa entre os protagonistas João, de *Romance do Conquistador* (1990), e Don Juan, de *El Burlador de Sevilla y Convidado de Piedra* (1630). Em seguida, apontaremos os pontos principais apresentados pelos dois autores acerca de seus personagens examinando suas semelhanças e diferenças. Também verificaremos se a citada obra de Lourdes Ramalho apresenta elementos do mito donjuanesco. Entre os nossos postulados teóricos encontram-se ANDRADE (2006), WATT (1997) e RIBEIRO (1988), dentre outros.

Palavras-chave: Mito donjuanesco, Literatura brasileira Contemporânea, Literatura Espanhola, *Romance do Conquistador*, *El Burlador de Sevilla y Convidado de Piedra*.

INTRODUÇÃO

Os textos literários estão presentes na vida e no cotidiano do leitor em suas mais variadas formas, uma vez que com o passar do tempo ele pode ultrapassar gerações e sempre terá algo para transmitir, visto que apesar de estar temporalmente distante dos leitores contemporâneos, ele pode suscitar novas leituras e interpretações. Foi o que ocorreu com a obra *El Burlador de Sevilla y Convidado de Piedra* (1630), escrita por Tirso de Molina e protagonizada por Don Juan, um célebre personagem que tenta livrar sua própria pele para alcançar seus objetivos, enganando todos que estão ao seu redor.

Desde que surgiu na obra de Tirso de Molina, Don Juan ganhou novas roupagens, e já frequentou as mais diversas formas de artes. Ribeiro (1988, p.129) afirma que “Na qualidade de personagem mítica, Don Juan tem a capacidade de se reencarnar, de ressurgir a cada século com as características de um novo momento histórico [...]”. Podemos depreender que enquanto mito, ele pode estar em diversas épocas. O pesquisador conclui que Don Juan é um mito que se constrói historicamente.

Dessa forma, mesmo Don Juan não tendo nascido como um personagem mítico, ele



transformou-se em um mito literário, ressurgindo em outros lugares, com novas vidas, nas mãos de diversos autores. Nesse processo, o mito donjuanesco ganhou uma maior abrangência e a temática foi estudada por vários pesquisadores, permanecendo vivo até os dias atuais. Sobre a sobrevivência do mito, Oliveira (2000, p.100, tradução nossa), nos lembra que:

O mito revela imagens coletivas e mostra coisas que são verdadeiras para todos os homens de diversas épocas. Para ele seu tempo é circular, o que proporciona sua eternidade e o seu repetir. Quando esse mito ressurge, reativa motivos que estão desde a sua aparição na literatura [...] ¹.

Logo, compreendemos que o mito retorna em outras linguagens e em novas versões, representando elementos que despertam o interesse humano, fazendo assim um movimento circular. Nessa perspectiva, permanecem traços e características da obra literária original, os quais podem sofrer alterações, de acordo com a época em que esteja inserido.

Assim, Don Juan foi recriado em várias criações literárias, tornando-se um mito da literatura universal. Entre elas, encontra-se *Romance do Conquistador* (1991), de autoria da dramaturga Lourdes Ramalho a qual estudaremos neste trabalho e que traz uma nova versão de Don Juan para os palcos do Nordeste brasileiro no século XX.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MITO DONJUANESCO

A primeira aparição do mito donjuanesco na literatura, segundo vários estudiosos, foi em 1630 em *El Burlador de Sevilla y Convidado de piedra*, escrito por Tirso de Molina. Contudo ainda há discussões sobre a autoria da peça e a origem de Don Juan.

O mito faz parte do imaginário popular, amplamente divulgado oralmente. Segundo Oliveira (2013, p. 28) “Modernamente, chamamos mito certas manifestações que não são mais que sobrevivência do passado [...]”. Depreendemos assim, que o mito se trata de um conjunto de várias crenças em que um personagem ou um acontecimento se transforma em uma referência, à medida que estão inseridos dentro da espiritualidade humana, proporcionando inspiração artística para vários escritores. Ainda de acordo com Oliveira (2013, p. 28),

¹ “El mito revela imágenes colectivas y muestra cosas que son verdaderas para todos los hombres de diversas épocas. Para él su tiempo es circular, lo que le proporciona su eternidad y su repetir. Cuando resurge ese mito reactiva motivos que están desde su aparición en la literatura [...]” (OLIVEIRA, 2000, p. 100)



O mito é uma forma de vida e surge em um determinado tempo e espaço. Sua criação é o efeito de um problema social. A sociedade escolhe alguém que, com uma força poderosa, consegue exorcizar seus fantasmas e conjurar suas frustrações. Ele funciona como um estabilizador da ordem social. Seu surgimento provém do desejo de o homem prolongar o universo, rompendo com a descontinuidade da vida, advém, também, do anseio do homem por um mundo sobrenatural.

Nessa perspectiva, os problemas sociais transferem-se para uma pessoa que exercerá um poder quicá sobrenatural para banir os espectros ou expor as decepções presentes na sociedade. Portanto, o mito favorece um equilíbrio a partir do sobrenatural.

Em *Dicionário de mitos literários*, Brunel (1997), ao discorrer sobre a cronologia do mito donjuanesco, dividiu-o em três grandes fases: clássica, romântica e moderna. Segundo o autor, na época clássica Don Juan aparece como uma figura avessa à seriedade. No romantismo nasce a ironia moderna que é exercida sobre o personagem. Já o período moderno caracteriza-se pela desmistificação, ou melhor, uma tentativa de desmitificação. O estudioso acrescenta que a aventura donjuanesca repercute as transformações do sistema de ideias inserido em cada época, mas o próprio Don Juan não muda nunca. Afinal, mesmo com o passar dos tempos, sua principal característica, a sedução, apenas é moldada para adequar-se ao período no qual está inserido.

Por sua vez, em *Leituras de Literatura Espanhola*, González (2010, p. 427), aponta que “[...] Don Juan encarna o mito do poder, o desejo do ser humano de ditar a própria lei e de executá-la sem ser punido por isso”. Assim, o papel principal de Don Juan é exercer o seu poder de sedução, sem considerar o castigo divino e muito menos respeitar os códigos morais estabelecidos pela sociedade.

Há duas características peculiares no mito donjuanesco que gostaríamos de destacar. A primeira apoia-se no fato de Don Juan enganar não só as mulheres, mas também ludibriar os princípios morais da sociedade em que vive e a segunda está relacionada com o desafio ao sobrenatural por meio da estátua de pedra que o levará à morte. Don Juan seduziu e enganou sempre que teve oportunidade sem se preocupar com as consequências de suas atitudes impensadas.

Sobre os enganos praticados por Don Juan, González (2010, p. 421) esclarece que “[...] não são apenas produto de sua procura pelo prazer da burla. São possíveis, fundamentalmente, porque a sociedade em que ele circula apresenta as brechas produzidas pela deterioração moral”. Em outras palavras, os atos praticados por Don Juan só ocorrem

porque o corpo social ao qual ele pertencia era falho.

Para Watt (1997), a consagração do mito de Don Juan, está pautada no individualismo de suas ações em função de seus envolvimento amorosos que surgem como uma particularidade secundária em virtude da sua busca por liberdade.

Há algumas características que definem o mito donjuanesco, como nos aponta Brunel (1997): a mobilidade (um sedutor volante), o disfarce (o uso das máscaras), a inconstância (volatilidade do personagem), e o duplo (um sócia). No entanto, neste estudo tomaremos por base quatro pontos: a sedução, a mobilidade, o disfarce e o sobrenatural para que assim possamos comparar e verificar se João, de Ramalho, apresenta no decorrer da sua história os mesmos elementos que marcam o mito donjuanesco.

ROMANCE DO CONQUISTADOR

O texto *Romance do Conquistador* escrito pela dramaturga Lourdes Ramalho, no ano de 1990 e encenado em 1991, no contexto das comemorações dos 150 anos da Embaixada da Espanha no Brasil. Com o desafio de reescrever o mito de Don Juan em linguagem de cordel, Lourdes Ramalho traz para a cena um personagem que mesmo contendo influências espanholas, encontra-se no imaginário nordestino. Assim, a peça é construída pela dramaturga como instrumento para mostrar a sociedade brasileira refletida através de outra. Andrade (2006, p. 24), destaca que:

Reescrito como cordel destinado à cena, o mito renascentista, atualizado por Lourdes Ramalho à luz de dinâmicas sociais e culturais do universo popular nordestino, mistura elementos formais e estruturais do texto dramático e do texto em verso popular, resultando numa espécie híbrida, em que se alternam ação e narração.

A peça *Romance do Conquistador* (1990) está dividida em seis quadros com trinta e quatro personagens, sendo que dezesseis se destacam ao longo das cenas por estarem em contato direto com o personagem principal, João, que é apresentado no início do enredo pelo narrador, um vendedor de cordéis, que expõe algumas histórias, dentre elas a de D. João Conquistador do Agreste. Para escapar da fome e da seca, João seduz e engana sempre que tem oportunidade. Tem como companheira Zilda, uma vidente/curandeira que o acompanha na maioria de suas aventuras. Joca, o prefeito, o candidato, o vendedor da mortuária e as três beatas, que logo em seguida se transformam em Guiomar, são essenciais para o desenvolvimento da história.

Logo, *Romance do Conquistador* (1990), traz uma junção de elementos característicos das culturas nordestina e espanhola, proporcionando ao leitor/espectador uma nova versão do mito donjuanesco. Desse modo, *Romance do Conquistador* pode ser visto como uma releitura do mito de Don Juan, protagonista da obra de Tirso de Molina *El Burlador de Sevilla y Convidado de Piedra* (1630). Andrade (2013, p. 77), ressalta que “[...] o mito do sedutor insaciável ganha, no início da década de 90, uma nova versão, também para ser encenada, mas escrita em cordel, por uma autora brasileira”. Dessa forma, o mito de Don Juan entra em cena nos palcos nordestinos, alcançando também, posteriormente, plateias europeias levando não somente elementos da cultura brasileira, mas traços característicos do personagem principal de Molina que está fortemente marcado no personagem criado por Lourdes Ramalho. Afinal, João seduz, engana, se disfarça e enfrenta o diabo para conseguir alcançar seus ideais, mostrando-nos o quanto leva consigo marcas donjuanescas nesta relação nordestina/europeia.

Por conseguinte, definiremos as principais marcas do mito donjuanesco: a sedução, a mobilidade, o disfarce e o sobrenatural fazendo uma relação entre os personagens Don Juan, de Molina, e João, de Ramalho.

Destacamos inicialmente a sedução, a principal marca do personagem Don Juan em *El Burlador de Sevilla y Convidado de Piedra* (1630). Na peça o personagem utiliza-se deste meio para enganar todos que estão ao seu redor. Ribeiro (1988, p. 25), aponta que “[...] Don Juan não seduz pelo que é, mas sim, é porque seduz”. Entendemos por meio desta citação que este é um ponto crucial de sua identidade, uma vez que Don Juan é visto como o eterno sedutor, justamente por usar deste artifício para alcançar seus alvos e objetivos. As estratégias empregadas por Don Juan na hora de seduzir consistem em provocar no outro o desejo. Uma delas é a gentileza, como podemos ver em Oliveira (2013, p. 135): “Don Juan torna as mulheres felizes, prepara-se antes do gozo, despertando-lhes o erotismo, porque não é um violador, mas um sedutor de corpo e alma”. Ele é afável, sabe agradar para manter sua fama de sedutor.

Em *Romance do Conquistador* (1991), a sedução do personagem João é uma artimanha para lutar por sua sobrevivência, mudando de tática sempre que é necessário. As vezes, ele aborda as pessoas que pretende enganar cortejando-as, como percebemos nesta conversa entre Rita e João “Rita - Será que uma coisa aberta ainda pode fechar? João - Se a senhorita consente que eu pegue pra examinar experimento e lhe digo se é possível consertar!”. (RAMALHO, 2011, p. 73). Em



outra conversa ele tenta seduzir a mulher do delegado com gracejos e malícias. Porém, o delegado logo se apresenta para desafiá-lo. Ele escapa do confronto, porém não respeita a presença de sua companheira Zilda porque por onde ele passa tenta seduzir quem estiver ao seu redor. A vidente acompanhou-o por longas estradas, fazendo o papel de companheira, amante e confidente, como se fosse a versão feminina de Catalinón, criado de Don Juan, na obra de Tirso de Molina.

Um ponto que é importante observar é que João deixa de seduzir para ser seduzido e em uma inversão de papéis, o prefeito o seduz dizendo: “Doutor, mais tarde saímos, pretendo lhe oferecer um jantar à luz de velas pra melhor lhe conhecer!” (RAMALHO, 2011, p. 84). João desconfia de suas intenções e logo parte para outra cidade. A partir do quadro seis ocorre a mais arriscada de suas seduções, pois cobiça uma herança que será deixada por um suposto suicida identificado por ‘homem’: Guiomar. João resolve procurar a perigosa Guiomar, o diabo em forma de gente, que o castigará.

Assim, da mesma forma que o Don Juan de Molina, o personagem João de Lourdes Ramalho, também apresenta a característica de sedutor. Conforme assinala Andrade (2006, p. 25), “[...] tão obsessivo em relação às mulheres quanto seus pares de outros tempos e outras terras, o don Juan nordestino de fins do século XX a todos se iguala por ser, portanto, antes de tudo, um sedutor itinerante”. Logo, a sedução está fortemente marcada nas duas obras por meio das ações de Don Juan e de João. A diferença é que Don Juan é um jovem nobre que encontra na sedução o subterfúgio para escapar de suas falcatruas e João é um vendedor de cordéis, desfavorecido que descobre na sedução a arma para garantir o seu sustento. Portanto, Don Juan e João vivem em movimento, o que proporciona oportunidades de satisfazerem seus desejos de sedutores itinerantes. O fato de estarem sempre mudando aponta outra marca do mito donjuanesco: a mobilidade, a qual abordaremos a seguir.

Outra característica de Don Juan, de Tirso de Molina, é a sua instabilidade. Brunel (1997) destaca que ilusoriamente ele parece estar em constante mudança por causa de sua facilidade em sair de um lugar para outro. Assim, sua mobilidade é uma estratégia para escapar de suas armadilhas. Em cada lugar que o personagem se encontra, há novos enganos. Na obra de Tirso, essa mudança de percurso acontece de forma cíclica, uma vez que Don Juan vai, mas sempre volta para o seu lugar de origem até o seu encontro final com a morte.

O personagem João de Lourdes Ramalho também percorre vários caminhos em busca de seu sustento e para isso utiliza-se da sedução para sobreviver. Ele, “[...] tenta encontrar um jeito de se virar, de escapar! Vive pra cima e pra baixo sem saber onde parar”. (RAMALHO, 2011, p. 67). Pelos caminhos percorridos pelo personagem, são retratados aspectos da sociedade e do ambiente em que ele vive, no Sertão nordestino.

A mobilidade de Don Juan e João é sintetizada por Andrade (2006, p. 25):

Don Juan Tenório, burlador de Sevilla, sai de Nápoles – do palácio do Rei – para Sevilla, passando por Tarragona e seguindo, de Sevilla para a aldeia de Dos Hermanas, na Andaluzia, de onde retorna, mais uma vez a sua cidade. Já o nosso burlador, João do Agreste, sai da baixa da Égua – de uma feira – passa por São Bento do Bofete, de onde sai e, depois de atravessar muita lama, acaba chegando em Santa Luzia dos Grudes, daí passando por Barra Funda, até encontrar Santana do Monte Preto.

Dessa forma, os dois personagens se assemelham quanto à mobilidade. Eles buscavam algo para satisfazerem suas necessidades, seja ela física ou material. Percorrendo caminhos em busca de sua própria realização, descobrem outras partes do mundo, conhecem pessoas e encontram novas formas de enganar. Eles não se preocupam com o futuro, porque o acaso se encarregará de mostrar em qual lugar será sua nova pousada. Nestes caminhos que os protagonistas percorrem para fugir, ambos se utilizam de disfarces. Brunel (1997, p. 256), afirma que “Don Juan cria a ilusão de mudança, ainda, pela máscara, que ele gosta de usar. É o homem do disfarce”.

Esta é outra característica do mito donjuanesco. Don Juan aproveita-se de acessórios cênicos para dissimular-se e assim manter em segredo o ato da conquista. Molina inicia a peça *El Burlador de Sevilla y Convidado de piedra* com uma nota que diz: “Sai Don Juan Tenório mascarado e Isabela, a duquesa. Os dois conversam baixinho.”² (MOLINA, 1978, p. 47, tradução nossa). Ele já começa sua atuação disfarçado para enganar Isabela. É por meio deste artifício que o personagem seduz as duas mulheres nobres da peça, Isabela e Dona Ana.

Nos outros dois encontros que ocorrem para seduzir Tisbea e Aminta, Don Juan não usa acessórios como recurso de sedução. Ele utiliza apenas juras de amor e propostas de casamento, as quais podem ser consideradas como um disfarce linguístico ou até mesmo uma encenação, pois ele não cumprirá o que foi prometido.

(83) 3521-3222
contato@enlije.com.br



Em o *Romance do Conquistador* (1991), o disfarce está presente na maior parte do enredo. Ao longo da história, João vai ganhando novos nomes, como macho cabra da peste, homem sexo de ferro, D. João Conquistador do Agreste, D. João, o aventureiro, João, conquistador de araque. Percebemos que essas denominações mascaram a sua identidade, mas não escondem sua personalidade.

João sempre apresenta diversas facetas no relato. O primeiro disfarce foi o mago da sorte, sua primeira alternativa para enganar as pessoas e assim conseguir dinheiro para poder alimentar-se. Na companhia de Zilda, que também se disfarça, na cidade de Santa Luzia dos Grudes, João viu na profissão de médico um meio de conseguir ter uma vida melhor. Ao chegar em outra cidade ele vê uma movimentação na praça, escuta as conversas e resolve se aproveitar da situação fingindo ser um médico e Zilda, a sua enfermeira. Porém, o prefeito desta cidade tenta seduzi-lo e ele foge para outra cidade. Em uma praça, João aproveita um comício para se destacar dessa vez fingindo ser um candidato político. Percebendo que naquela cidade eles não iriam conseguir nada, João e Zilda vão procurar outro meio de sobrevivência, disfarçados agora de padre e coroinha. Em cada local, em busca de meios de sobrevivência eles usam um novo disfarce para livrar-se da fome e buscar uma vida melhor.

Diferentemente de Don Juan que buscava por meio de seus disfarces atrair as mulheres, João tenta garantir a sua própria existência. Assim, ele procede desta forma para sobreviver em meio à seca e a pobreza, tornando-se um ser que encontra no disfarce uma oportunidade para garantir o seu sustento.

A quarta característica do mito donjuanesco é o sobrenatural. Este elemento está presente desde o título da obra de Molina e faz parte de seu desfecho. Don Juan desafia a estátua de pedra do Comendador que está enterrado em uma igreja dizendo: “Esta noite espero vocês para jantar nos meus aposentos. Ali realizaremos o desafio, se a vingança te agrada; apesar de que mal poderemos brigar se sua espada for de pedra.”³ (MOLINA, 1978, p. 142, tradução nossa). Por meio desta provocação surge o sobrenatural na peça. A estátua aceita o convite de Don Juan e retribui a solicitação, como podemos ver nesta conversa:

D. Gonzalo – Cumprirás sua palavra de cavalheiro? Don Juan – Tenho honra e cumprio minha palavra porque sou um cavalheiro. D. Gonzalo – Me dê sua mão; não tenha medo. Don Juan – É isso que você acha? Que

(83) ³ “Esta noche a cenar os aguardo en mi posada. Allí el desafío haremos, si la venganza os agrada; aunque mal reñir podremos si es de piedra vuestra espada.” (MOLINA, 1978, p. 142).



eu tenho medo? Até mesmo se fosses o inferno, te daria minha mão. (*Dá-lhe a mão*). D. Gonzalo – Sob sua palavra e sua mão, amanhã te espero às dez para jantar. Irás? Don Juan – Entendi que me pedia algo mais difícil. Amanhã serei seu hóspede [...]”⁴ (MOLINA, 1978, p. 150, tradução nossa).

Firmando o compromisso com um aperto de mão, mesmo temeroso, Don Juan aceita o convite. Neste momento, o enganador passa a ser enganado pela estátua do Comendador, pois ao aceitar jantar com ele ignora que este será o seu último momento de sua vida. Após recebê-lo em sua sepultura, ao terminar a refeição, aperta-lhe a mão e ele cai morto no chão. A estátua de pedra castiga Don Juan não somente pelas mulheres enganadas, dentre elas a filha do Comendador, mas por ter desafiado as normas da sociedade.

No último quadro da peça *Romance do Conquistador* o desfecho ocorre na igreja. Por conseguinte, João é atraído pelo desejo de conquistar a tão desejada Guiomar. Na igreja, sonhará com várias mulheres dançando na sua frente e ao acordar encontra três figuras femininas. Diferentemente de Molina, para finalizar a peça, Ramalho traz para a cena não uma estátua de pedra, mas três beatas: Inocência, Decência e Previdência. Disfarçadamente, elas começam a seduzir João envolvendo-o em um jogo, mas logo revelam que são a diabólica Guiomar.

Dessa forma, avisam para João que ele “[...] Estás nas mãos do Perneta vestido de Guiomar! O Fute, o Cão, o Capeta vieram te levar!” (RAMALHO, 2011, p. 107). Assim, a encarnação do diabo em forma de gente veio para levá-lo ao inferno. João, querendo ser esperto, ainda tentou enganá-las dizendo: “Não me levam! – Eu não me entrego! Não sou um besta qualquer.” (RAMALHO, 2011, p. 108). Porém, a perigosa Guiomar enganou João, o qual sobreviveu às armadilhas do Sertão e ultrapassou a seca. No entanto, envolvido pelo desejo ardente oriundo dos encantos da Guiomar, ele não conseguiu sobreviver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a peça de Lourdes Ramalho, mesmo contendo características diferentes da obra escrita por Tirso de Molina, pode ser considerada uma versão do mito

⁴ “D. Gonzalo - ¿Cumplirásme una palabra, como caballero? Don Juan – Honor tengo, y las palabras cumplo, porque caballero soy. D. Gonzalo – Dame esa mano; no temas. Don Juan - ¿Eso dices? ¿Yo temor? Si fueras el mismo infierno, la mano te diera yo (*Dale la mano*) D. Gonzalo – Bajo esta palabra y mano, mañana a las diez estoy para cenar aguardando. ¿Irás? Don Juan – Empresa mayor entendí que me pedías. Mañana tu guésped soy [...]” (MOLINA, 1978, p. 150).



donjuanesco. Podemos afirmar que no Nordeste do Brasil também há uma reescrita do mito de Don Juan, a qual foi encomendada para as comemorações dos 150 anos da Embaixada da Espanha no Brasil. Para isso, a autora trouxe para sua peça elementos típicos da região nordestina, sem abandonar os principais traços do protagonista de Tirso de Molina, uma vez que a sedução, sua maior marca, se manteve em sua obra.

Nesse sentido, ao analisarmos as características de João, protagonista de *Romance do Conquistador*, notamos que ele cumpre seu papel como um personagem donjuanesco, pois além da sedução, estão presentes em sua construção mais três de seus elementos principais: a mobilidade, o disfarce e o sobrenatural. João, tal como Don Juan, seduz como uma marca de personalidade, mesmo que ele seduza, muitas vezes, para sobreviver. Personagens itinerantes, os protagonistas de Molina e Ramalho, não param por muito tempo em um lugar. Ao contrário, eles estão sempre em movimento, escapando das armadilhas que cometem até encontrar a figura da morte representada, respectivamente, pela estátua do Comendador e por Guiomar. Em relação ao disfarce, os dois usam este artifício, apesar das finalidades distintas. Ao verificarmos a presença do sobrenatural, constatamos sua existência e acreditamos que são fundamentais para o desfecho dos relatos. Além disso, ele aparece nas narrativas por meios diferentes, visto que no texto do escritor espanhol há uma estátua de pedra e no da dramaturga nordestina surgem três figuras femininas que representam o diabo.

A versão de Lourdes Ramalho da obra teatral *El Burlador de Sevilla y Convidado de Piedra* (1630) apresenta particularidades da região do Nordeste brasileiro, trazendo seus elementos característicos. Um exemplo é a linguagem utilizada pelos personagens. A autora também aborda tópicos típicos dos nordestinos, tais como a seca, a feira, as comidas, os cordéis e os animais, entre outros.

A partir de nossa análise depreendemos que Don Juan de Molina e João de Lourdes Ramalho apresentam algumas características semelhantes. No entanto, há várias diferenças entre eles, uma vez que João é desfavorecido socialmente e seu espaço é marcado por seu desprestígio social, enquanto Don Juan é um jovem nobre, filho do conselheiro do Rei de Castela, ocupando um lugar de prestígio social. Também é importante assinalar que João se apaixona por Guiomar, enquanto Don Juan, em suas quatro seduções, não demonstrou nenhum sentimento. Percebemos, assim, que o personagem de Ramalho humaniza-se ao apaixonar-se.

Em suma, as duas narrativas analisadas retratam a sociedade de sua época, dado que a peça de Ramalho é uma recriação e, portanto,



modifica o contexto da obra de Molina. Cabe frisar que Don Juan tornou-se um personagem mundialmente conhecido, adquirindo algumas marcas que o identificam em outros períodos, em qualquer versão que tenha como referência o texto de Molina. Isso foi comprovado em nosso trabalho e, portanto, *Romance do Conquistador* pode ser visto como uma retomada do mito donjuanesco.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, V. *Nosso nome é Guiomar ou Lourdes Ramalho e a reinvenção de Don Juan*. João Pessoa: Graphos, 2006. Disponível em: <periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/9306/4987> Acesso em: 15 set. 2015.
- ANDRADE, V; MACIEL, D. *Teatro [quase completo] de Lourdes Ramalho*. Vol. 01. Teatro de Cordel. Maceió: EDUFAL, 2011.
- BRUNEL, P. (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- GONZÁLEZ, M. *Leituras de Literaturas Espanhola (da Idade Média ao século XVII)*. São Paulo: Letraviva; FAPESP, 2010.
- MOLINA, T. *El Burlador de Sevilla y Convidado de Piedra*. Salamanca: Ed. Almar, 1978.
- OLIVEIRA, E. A. V. *O mito de Don Juan e sua relação com Eros e Thanatos*. Vitória: Opção Editora, 2013.
- _____. Don Juan: La seducción. In: CÁRCAMO, I. S. *Mitos Españoles Imaginación y Cultura*. Rio de Janeiro: APEERJ, 2000.
- RAMALHO, M. L. N. O Romance do Conquistador. In: MACIEL, D.; ANDRADE, V. *Teatro [quase completo] de Lourdes Ramalho*. Vol. 01. Teatro de Cordel. Maceió: EDUFAL, 2011.
- RIBEIRO, R. J. *A sedução e suas máscaras: ensaios sobre Don Juan*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- WATT, I. O Burlador e Don Juan. In: *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote e Dom Juan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.